

Rave: Os Bastidores da Festa Proibida (Resenha) ¹

Lázaro Gomes de SOUSA ²

Alfredo José Lopes COSTA ³

Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças
(MT)

RESUMO

“Rave: os bastidores da festa proibida” é uma produção textual no estilo opinativo, denominado resenha, e que traz uma relação das propriedades do livro “Festa Infinita - O entorpecente mundo das raves” (Editora Ediouro, São Paulo, 2009, 304 pp.), do jornalista Tomás Chiaverini, enumerando seus aspectos relevantes e descrevendo as circunstâncias que o envolvem. O autor traz uma abordagem de fácil entendimento e com conteúdo informativo sobre o assunto, em que busca explicações didáticas sobre termos específicos, desde o surgimento das festas eletrônicas, em seu contexto nacional e internacional, à evolução desse estilo de música. A resenha foi elaborada no quinto semestre, na disciplina de Jornalismo Especializado I.

PALAVRAS-CHAVE: resenha; *rave*; jornalismo opinativo; jornalismo literário; gêneros jornalísticos.

1 INTRODUÇÃO

O gênero jornalístico que se convencionou chamar de resenha refere-se a uma apreciação de obras de arte ou de produtos culturais, cuja estrutura é construída para orientar a ação dos leitores sobre quais produtos ou manifestações culturais escolher, por meio de uma avaliação dessa produção. É comum o uso da palavra crítica para se referir ao texto que cumpre essa função. “Enquanto a resenha jornalística cresce nos meios de comunicação, a crítica se refugia em suplementos especiais, revistas especializadas e na produção acadêmica” (MARQUES DE MELO, 2003, pág. 132). O autor explica assim o processo:

Mutações no jornalismo afastaram estudiosos que cumpriam o papel crítico de artes consideradas tradicionais (literatura, música, artes plásticas, etc.) e a prática foi sendo assumida por jornalistas que agregaram ao trabalho a apreciação dos lançamentos em textos batizados de “resenhas”, numa

¹ Trabalho apresentado no XX Prêmio Expocom 2013 Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Categoria: Jornalismo, Modalidade: Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série).

² Estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFMT/Araguaia, email: lazzaro.gomes@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFMT/Araguaia e membro do Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo da UFMS (Ciberjor – UFMS), email: alfredo.costa@gmail.com.

tradução da palavra norte-americana “*review*” (MARQUES DE MELO, 2003, pág. 130).

Numa análise histórica, a apreciação dos produtos culturais começa na imprensa brasileira pelas áreas artísticas tradicionais: literatura, música, teatro, artes plásticas. Na medida em que os jornais e revistas, até o início do século, destinavam-se a uma parte restrita da população, a crítica podia se fazer em profundidade. A resenha é um tipo de trabalho que exige conhecimento do assunto, para estabelecer comparação com outras da mesma área e maturidade intelectual para fazer avaliação e emitir juízo de valor.

Muito mais que julgar a produção, do ponto de vista da estética, a resenha se torna um serviço prestado ao leitor, ao produtor e à indústria cultural. Em determinados casos encerra também uma crítica e um juízo de valor sobre a peça que se trata. Segundo Luiz Beltrão, a opinião, para o jornalista, não é apenas um direito, mas um dever, por ter a função de captar, em qualquer campo, aquele objeto importante sobre o qual a sociedade exige uma definição. A opinião é descrita com uma função “psicológica, pela qual o ser humano, informado de ideias, fatos ou situações conflitantes, exprime a respeito seu juízo” (BELTRÃO, 1980 pág. 14). É dessa forma que a resenha “*Rave: os bastidores da festa proibida*” orienta o leitor em reflexão para os acontecimentos relacionados ao universo *raver*.

Severino (2007, pp. 204-205) expõe que resenha é

[...] uma síntese ou um comentário dos livros publicados feito em revistas especializadas das várias áreas da ciência, das artes e da filosofia. As resenhas têm papel importante na vida científica de qualquer estudante e dos especialistas, pois é através delas que se toma conhecimento prévio do conteúdo e do valor de um livro que acaba de ser publicado, fundando-se nesta informação a decisão de se ler o livro ou não, seja para o estudo seja para um trabalho em particular.

2 OBJETIVO

Com a resenha *Rave: os bastidores da festa proibida*, o objetivo foi divulgar um trabalho destinado a orientar o público, oferecendo informações que possam fortalecer na decisão da consulta ou não do original (“*Festa Infinita – O entorpecente mundo das raves*”), informando e proporcionando conhecimento sobre a natureza e qualidade da obra, despertando o senso crítico do leitor, além de assumir o caráter de um diálogo com o autor.

O caráter multifacetado da resenha pode ser apreendido na lista de funções que Todd Hunt lhe atribui. Na sua maneira de ver, a resenha cumpre as seguintes funções:

- a) Informa, proporcionado conhecimento sobre o que está em circulação no mercado cultural; b) Eleva o nível cultural, pelo caráter didático

com que aprecia os bens culturais, despertando muitas vezes o senso crítico para a sua fruição; c) Reforça a identidade comunitária, fazendo o julgamento das obras segundo padrões peculiares à comunidade, o que significa descobrir especificidades geoculturais em produtos que possuem destinação massiva; d) Aconselha como empregar melhor os recursos dos consumidores, fazendo-os recorrer s produtos de baixa qualidade; e) Estimula e ajuda os artista, elogiando o bom desempenho ou enfatizando falhas e imperfeições; f) Define o que é novo, distinguindo os produtos tradicionais dos lançamentos que fogem à tendência dominante; g) Documenta para a história, é efêmera pela própria natureza da indústria cultural; h) Diverte, porque resgata situações inusitadas, cômicas ou hilariantes, desde que realizadas com humor (HUNT, 1974).

3 JUSTIFICATIVA

O objetivo do gênero resenha é divulgar objetos de consumo cultural - livros, filmes peças de teatro, etc. Por isso a resenha é um texto de caráter efêmero, pois "envelhece" rapidamente, muito mais que outros textos de natureza opinativa.

É certo que ninguém tem tempo para ler todos os livros sugeridos. Para não perder tempo de trabalho intelectual, o melhor recurso é recorrer às resenhas das obras, que auxilia na decisão de ler ou não ler determinada obra. A resenha ajuda muito na elaboração de estudos científicos e elaboração de monografias. Ao mesmo tempo em que sinaliza aos consumidores, dialoga com os produtores, abrangendo toda a mídia, da imprensa ao rádio e à televisão, expandindo-se também na internet.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A resenha foi desenvolvida na disciplina de Jornalismo Especializado I, no intuito de praticar o conhecimento adquirido sobre os gêneros jornalísticos. O processo iniciou-se com a orientação de leitura do Livro Reportagem “Festa Infinita – O entorpecente mundo das raves” e a proposta de elaboração de uma resenha.

O autor do livro *Festa Infinita*, Tomás Chiaverini, é jornalista, e também escreveu o romance *Avesso* (Global-2011), e o livro-reportagem *Cama de Cimento* (Ediouro-2007). Como repórter, trabalhou na Folha de São Paulo e colabora para publicações diversas, em especial para a revista Piauí. A obra é resultado de imersão, investigação e apuração jornalística. É claro que o jornalista aborda o uso excessivo de drogas nas raves pelo mundo afora.

A atuação dos resenhistas não se restringe aos monólogos que dirigem ao público, mas procura também assumir o caráter de um diálogo com os produtores, oferecendo pistas para autores, diretores ou atores das obras em apreciação. Desta maneira, interfere nos padrões da produção, ou como prefere dizer Bazom Brock “a crítica se converte em elemento integrante dos próprios meio de produção” (1971, p. 143-155).

O jornalista Daniel Piza (2003 pág. 70) dedicou um capítulo de sua publicação para a crítica, embora ao longo da obra trate os dois tipos de texto, ora como termo resenha, ora com o termo crítica. Segundo o jornalista, são três os aspectos que caracterizam essa modalidade textual. O texto crítico deve ter elementos de um texto jornalístico (clareza, coerência, agilidade), além de informar o que é a obra, ou tema ou debate ao reunir a história, contar quem é o autor, entre outros tópicos, analisar a obra de modo sintético mas sutil, esclarecendo o peso relativo de qualidade e defeitos, evitando o tom de balanço contábil ou a mera atribuição de adjetivos

Os leitores da resenha poderão concordar ou não com o resenhista. Dessa forma, a resenha deve conter argumentos convincentes, elaborados a partir de conteúdos adequados para a argumentação no contexto acadêmico. Desse modo, no processo de ensino-aprendizagem da resenha é essencial instrumentalizar o estudante para que ele desenvolva sua competência argumentativa.

A estrutura geral de uma resenha não é diferente de um texto dissertativo, em que se percebe uma introdução, o desenvolvimento e as considerações finais, sempre recalcadas, no entanto, nas opiniões críticas do autor, embasadas em argumentos de certa originalidade, coerência e profundidade. É imprescindível que o autor da resenha possua um conhecimento sobre o assunto abordado, uma vez que se prestará a dar opinião formada fundamentada na própria obra ou outras bibliografias.

Apesar de nunca ter ido a uma festa *rave*, sempre gostei de música eletrônica e dos fascínios dos adeptos desse estilo musical. A leitura do livro *Festa Infinita – O entorpecente mundo das raves*, me permitiu mergulhar em um universo totalmente desconhecido, fez com que eu me sentisse o mais próximo possível de uma realidade recheada de emoções e sensações detalhadas pelo autor. Dessa forma, eu busquei elaborar um texto claro, inteligível e dinâmico, que pudesse trazer ao leitor o mesmo prazer que eu tive na leitura de *Festa Infinita*.

A escolha do jornalismo literário tornou a leitura muito fluida e agradável. Por se ater a aspectos mais humanos dos personagens e por trazer histórias curiosas, contadas de

um jeito instigante, o jornalismo literário permite que o livro seja atraente também para quem não se interesse particularmente pelo assunto tratado. A princípio, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo momento, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para renovar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

"Festa infinita" é um livro reportagem sobre o mundo, ou submundo, das festas *raves*. O autor literalmente mergulha na cultura *rave*, entrevistando e acompanhando DJs, *ravers*, promotores de eventos e demais sujeitos que participam dessa cultura. Há também uma excepcional descrição dos efeitos do *ecstasy*, droga cujo consumo é associado a essas festas. Além de informativa, a resenha foi elaborada utilizando ingredientes de um texto jornalístico, como clareza e coerência, evitando a adjetivação excessiva e esclarecendo as abordagens encenadas pelo autor.

6 CONSIDERAÇÕES

A resenha não se limita ao jornal diário, às revistas semanais. Atualmente, tem uma presença relativa no rádio e na televisão, onde vem sendo desenvolvida nos programas direcionados para a informação cultural. Mesmo diante de toda essa expansividade, fazer uma resenha pode parecer muito fácil à primeira vista, mas deve-se tomar muitos cuidados, resenhistas podem contribuir para que um livro mofe nas prateleiras ou transformar um filme em um verdadeiro fracasso. Pode-se ainda ser utilizada como uma ferramenta essencial para aqueles que precisam selecionar uma grande quantidade de conteúdo em um tempo relativamente pequeno.

É grande a responsabilidade do jornalista com a verdade dos fatos e com a forma de apresentação das informações e disposição das palavras. Nesse sentido, a resenha tem uma importância fundamental, a compreensão de que com um público mais seletivo e dividido, produtos destinados a ele são criados, a fim de disponibilizar a maior quantidade de conteúdos possíveis, dessa forma abrangendo cada vez mais consumidores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976

MARQUES DE MELO, José. **Gêneros Jornalístico no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

BROCK, Bazon. Nascido para criminal – designado como juiz. In: HAMM, Peter. **Crítica de la crítica**, Barra Editores, 1971, p.143-145.

HUNT, Todd. **Reseña Periodística**. México Editores Asociados, 1974.

Piza, Daniel. **jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

ANEXO

Rave: os bastidores da festa proibida (Resenha)



Figura 1: Capa do livro “Festa infinita: o entorpecente mundo das raves”.

A primeira impressão nem sempre é a que fica, e um livro, de fato, não pode ser julgado pela capa – ou pelo título -, que em primeiro momento traz a ideia de ser mais uma obra a tratar com sensacionalismo o universo das festas conhecidas como raves e um tema que abrange saúde pública, segurança e política: o uso de drogas.

Em “Festa Infinita - O entorpecente mundo das raves” (Editora Ediouro, São Paulo, 2009, 304 p.), o jovem jornalista Tomás Chiaverini nos traz uma abordagem de fácil entendimento, recheada de conteúdo informativo sobre o assunto, em que busca explicações didáticas sobre termos específicos, desde o surgimento das festas eletrônicas, em seu contexto nacional e internacional, à evolução desse estilo de música.

Além de relatar com precisão momentos históricos, é possível ainda, conhecer os principais incentivadores dessa cultura no cenário nacional: Rica Amaral, Dmitri Rugiero,

André Meyer, Eduardo Torres, Alok, Swarup, entre outros. Trata-se de DJs ou produtores, a maioria deles ainda atuante no universo da música eletrônica. Em uma viagem instigante e reveladora, Chiaverini nos conduz aos principais eventos de festas do gênero, como a Universo Paralello, Xxxperience, Boom, Trancedence, Respect, Fusion e Mega-Avonts.

O autor revela detalhes de um submundo em que milhares de jovens de estilos totalmente diferentes convivem em uma mesma “*vibe*” de confraternização e harmonia, onde parece existir um espaço reservado para a diversidade. Jovens embalados por um sentimento de liberdade, em que o único compromisso existente é o descompromisso, uma busca por formas cada vez mais intensas de diversão, uma maneira alternativa de viver a vida e buscar novas vivências em que o compartilhar ganha um sentido valioso e a noção de coletividade se torna indispensável.

Alguns, como o DJ André Meyer, defendem que ao longo de todos esses anos as raves acabaram se tornando algo muito próximo de uma festa comum, onde ninguém mais sabe o que é espiritualidade. Não existe a preocupação em valorizar os conceitos de paz, amor, união e respeito (*PLUR - Peace, Love, Union, Respect*), a base da cultura rave.

Nesse contexto, Tomás nos traz importantes informações, como a evolução do consumo e do tráfico do *ecstasy*, que no Brasil, acompanhou o crescimento das raves, destacando que a presença da droga nessas festas de música eletrônica tornou-se tão importante, que virou quase uma necessidade nos eventos de música eletrônica. Existem aqueles que atribuem à energia positiva sentida na pista, à vibração de paz e amor, somente sendo possível através do uso dos “comprimidos coloridos”.

O autor ainda narra casos de jovens mortos em eventos do tipo, sendo na maioria relacionados ao abuso de drogas. Conduzidos pela imprensa de forma sensacionalista, servem de argumento para um número crescente de políticos, formadores de opinião e pais desesperados que defendem a proibição das raves. Os organizadores tratam como fatalidades inerentes a qualquer evento nesse sentido. É fato que a imagem do universo rave diante da opinião pública não é das melhores.

É surpreendente que existam lugares no mundo, em que os *ravers* contam com uma equipe de psicólogos e psiquiatras preparados para ajudar aqueles que perdem o contato com a realidade, em consequência do uso de drogas. Chiaverini descreveu até uma tenda no evento, onde o usuário pode levar uma amostra da substância que pretende tomar para que seja analisada quanto ao seu grau de pureza.

Na segunda parte da obra, há fragmentos que tornam incoerentes alguns dos relatos do autor, principalmente no momento que afirma que são raros os *ravers* que participam desses eventos sem ingerir alguma substância alteradora de consciência, concluindo que essa imensa quantidade de entorpecentes parece ajudar na manutenção da boa convivência. Nesse sentido, ele trata a energia das drogas como permissão para longos mergulhos num transe hipnótico e acelerado pelas pancadas eletrônicas, em vez de considerar uma consequência, podendo, inclusive, ser fatal.

O autor afirma com propriedade que nesses festivais é raro encontrar *ravers* que estejam apenas em busca de uma intensa experiência com o *ecstasy* e música eletrônica. Como forma de promover os adeptos desse estilo de vida, os define como apolíticos, com um lado espiritual que independe de religiões, comumente envolvidos com questões ambientais.

Por fim, Tomás faz um relato minucioso e detalhado da viagem alucinógena causada pelo uso do *ecstasy*, com o acréscimo de conteúdo informativo e inclusão de dados de consumo de usuários. Ele relata a experiência com um fascínio quase que contagiante, ressaltando sua preocupação com a apologia ao uso de drogas. Curiosos, entendedores ou não do assunto, boa “viagem”!